



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DE LICENCIATURA

MICHELE ASSIS DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO E EQUIDADE RACIAL: UMA ANÁLISE DE IMAGENS CONTIDAS EM
LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

PORTO ALEGRE

2018

MICHELE ASSIS DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO E EQUIDADE RACIAL: UMA ANÁLISE DE IMAGENS CONTIDAS EM
LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão de Graduação de
Ciências Biológicas da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial e obrigatório para a
obtenção do grau de Licenciada em
Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Russel Teresinha
Dutra da Rosa

PORTO ALEGRE

2018

EDUCAÇÃO E EQUIDADE RACIAL: UMA ANÁLISE DE IMAGENS CONTIDAS EM
LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para a
obtenção do grau de Licenciada em
Ciências Biológicas pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, Janeiro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Russel Teresinha Dutra da Rosa

Dr^a. Maria Conceição Lopes Fontoura

Doutoranda Tanara Furtado

AGRADECIMENTOS:

Desde a infância, até os dias de hoje em meu caminho, sempre me deparei com pessoas inspiradoras, fundamentais para a concretização deste sonho e que tenho como referências em minha vida. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha mãe-vó, uma das mulheres mais fortes e batalhadoras que eu conheço, foi ela que me ensinou a desenhar as primeiras letras e me mostrou que um dos caminhos mais gratificantes é o caminho dos estudos – (1000x obrigada); Agradeço também a minha madrinha Ana por me encorajar e estar ao meu lado sempre, fazendo jus ao papel de segunda mãe! Gratidão ao meu avô Dorival por me ensinar o caminho da escola e ao meu pai Luis por ser meu Uber desde 96, ao meu “dindo” Mico, que apesar de não estar mais presente neste plano espiritual, tenho certeza que emana forças para eu seguir em frente! Gratidão à minha madrastra Andréia por ser essa mulher forte e ter ensinado tão bem meus dois irmãos de sangue: Priscila e Nando que também foram tão importantes nesta minha caminhada, a vocês obrigada pelo carinho!

Falei anteriormente em irmãos de sangue, pois a vida também me presenteou com irmãs de alma, dentre as quais posso citar, por exemplo, minha amiga Letícia a quem devo agradecer por ter me ensinado o caminho do Campus do Vale e me ajudar no processo de matrícula, por ser minha confidente e ombro amigo desde o ano 2000; à minha amiga Karla que facilitou minhas idas e vindas do Vale e se faz presente à todo momento, seja numa palavra amiga ou num carinhoso abraço! Não esquecendo também de externar minha gratidão às minhas manas pretas da Bio: Cibele, Tuzy e Kelli por terem me ajudado a “escurecer” as coisas na UFRGS, e o meu “muitíssimo obrigada” aos companheiros Pibidianos com os quais aprendi muito, dentro e fora da sala de aula. Agradeço ao meu companheiro Felipe, por ter me ajudado a passar em Bioestatística (risos), e se fazer presente em todos os momentos fazendo de mim uma pessoa ainda mais forte nestes últimos anos. E por último, e não menos importante, quero agradecer à minha Orientadora Russel, por sua disposição, paciência e amizade nestes longos e intensos meses, meu desejo é que um dia eu possa inspirar algum aluno nesta minha caminhada como Professora, da mesma forma que você me inspirou!

RESUMO

Os livros didáticos são ferramentas de apoio metodológico presente nas escolas, e auxiliam o aluno no entendimento dos assuntos debatidos em sala de aula. Os livros de Biologia do Ensino Médio por conterem uma diversidade de imagens contribuem para ilustrar e exemplificar principalmente estruturas biológicas que não são perceptíveis a olho nu, ajudando a compreender o funcionamento. Mas existem também ilustrações que representam diferentes aspectos do mundo da vida e do contexto socioambiental que podem ou não contribuir para a leitura crítica da realidade e para a construção de valores, instrumentalizando os estudantes para o exercício da cidadania. Desta forma, a Biologia por ser uma disciplina que trata de assuntos relacionados ao estudo da vida, possui diversas fotografias e representações de humanos, cujos contextos socioculturais importam para a manutenção ou para a transformação da realidade social. O presente trabalho realiza um estudo qualitativo de imagens humanas e descreve e analisa as formas como pessoas das etnias negra e indígena vem sendo representadas antes e após a implantação do Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM 2009) e as obras incluídas no Programa Nacional do Livro Didático de 2018 (PNLD 2018), a fim de verificar os efeitos dos critérios de avaliação propostos nos diferentes editais que orientam a produção das obras adquiridas e distribuídas pelo Ministério da Educação para as escolas das redes públicas de ensino, no que se refere à promoção de equidade entre as diferentes etnias.

Palavras-chave: Equidade Racial, Livro Didático, Análise de Imagens, Ensino Médio, Ensino de Biologia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
2.1 LIVRO DIDÁTICO.....	9
2.2 RELAÇÃO ÉTNICO- RACIAL.....	13
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa representações de pessoas negras e indígenas em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio, produzidos antes da implantação do Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM), a partir do Edital publicado em 2007, algumas das primeiras obras selecionadas de acordo com os critérios desse edital, recomendadas no Catálogo de Biologia do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2009 e obras incluídas no PNLD 2018: Biologia – guia de livros didáticos – Ensino Médio.

O objetivo do estudo foi comparar as representações das populações negras e dos povos indígenas antes e após a implantação do Programa Nacional do Livro Didático a fim de verificar se a realização de avaliação das publicações de acordo com os critérios dos editais de 2007 e de 2018 tem interferido na quantidade de imagens e na forma de representação das pessoas.

A população e a cultura do Brasil são historicamente marcadas não só pelas diversidades, mas também pelas desigualdades, e as influências das matrizes africana e indígena precisam ter visibilidade e serem valorizadas. Entretanto, esses povos são explorados e silenciados desde a colonização, resultando em processos de exclusão ainda persistentes. A representação de grupos minoritários em livros didáticos é carregada da ideologia do grupo dominante, um processo de branqueamento que faz com que a sociedade acostume-se a vincular estes grupos com papéis de menor prestígio no contexto social, o que dificulta legitimar estes grupos na sociedade brasileira como cidadãos com direitos iguais aos outros. As desigualdades raciais presentes na sociedade brasileira atravessam o sistema escolar impondo um abismo entre as condições de acesso, permanência e sucesso escolar dos estudantes negros e indígenas. É importante perceber a predominância da representação de grupos étnicos autóctones como artesão, pescador, caçador e curandeiro de forma descontextualizada nos diferentes meios de comunicação e verificar se essa forma de representação sofreu modificações ou se ainda está presente nos livros didáticos atuais. A escolha pelas populações indígenas em meio a tantos assuntos dispostos no livro didático se deu pelo fato de que as pessoas, quando ouvem falar dos povos originários ou veem alguma imagem que os represente, não os diferem por nações e/ou costumes, acabam generalizando e caracterizando como “índios”. Da mesma forma, quando nos deparamos com imagens do povo negro, percebemos essas relativamente tímidas e sem proporcionar o diálogo entre as relações étnico-raciais e nem o referencial de pertencimento aos afro-brasileiros.

Ainda é necessária uma maior valorização da produção cultural, superando representações que ocorrem apenas no sentido folclórico sem averiguar que a herança pode conduzir à discussão de saberes tradicionais, como o uso alimentar ou medicinal de plantas, por exemplo, que podem, inclusive contribuir para inovações científicas.

A proposta metodológica deste estudo se aplica à análise de livros didáticos, a fim de verificar o cumprimento de políticas públicas de reparação, reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira e indígena como forma de lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações e que seja capaz de reeducar para as relações étnico-raciais, como a descoberta de princípios ativos de medicamentos em plantas de uso tradicional.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Livro didático

O livro didático é a ferramenta mais acessível quando se fala em recursos didáticos em escolas públicas de Educação Básica, e por isso se torna a principal referência para trabalhar o ensino de Ciências e de Biologia. Pode ser considerado o principal veiculador do conhecimento sistematizado, é instrumento de grande valor educacional e está presente no contexto histórico do Brasil desde o período colonial (RIBEIRO, 2003).

O Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) foi implementado a partir da aprovação da lei n.º 11.194 de 2007 que regulamentou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), possibilitando a destinação de recursos para a avaliação, a aquisição e a distribuição de livros didáticos não só para o Ensino Fundamental, mas também para o Ensino Médio. A partir do edital de 2007 do Programa Nacional do livro do Ensino Médio (PNLEM) foram aprovadas nove coleções didáticas de Biologia para a compra pelo Ministério de Educação e distribuição para as escolas públicas brasileiras no ano de 2009 (Guia, 2009). Desde então, foram realizadas quatro avaliações de livros didáticos de biologia para a distribuição nos anos de 2009, 2012, 2015 e 2018.

A partir do estabelecimento do FUNDEB, em 2007, com a inclusão do Ensino Médio no Programa Nacional de Livros Didáticos este programa transformou o Estado brasileiro em um dos maiores compradores de livros do mundo. No processo de avaliação diversos critérios precisam ser considerados pelas editoras para que as suas coleções sejam aprovadas nos editais, dentre esses critérios encontram-se alguns que visam evitar a veiculação de preconceitos e estereótipos étnico-raciais, dentre outros como pode ser observado nos seguintes itens dos editais abaixo:

Critérios do PNLEM 2007:

Todas as obras deverão observar os preceitos legais e jurídicos (Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 10.639/2003, Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Resoluções e Pareceres do Conselho Nacional de Educação, em especial, o Parecer CEB nº15/2000, de 04/07/2000, o Parecer CNE/CP nº 003/2004, de 10/03/2004 e Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004) e ainda serão sumariamente eliminadas se não observarem os seguintes critérios:

- (i) correção e adequação conceituais e correção das informações básicas;
- (ii) coerência e pertinência metodológicas;

(iii) preceitos éticos.

De acordo com o edital, entende-se como preceitos éticos:

Como instrumento a serviço da Educação Nacional, é de fundamental importância que as obras didáticas contribuam significativamente para a construção da ética necessária ao convívio social e ao exercício da cidadania; considerem a diversidade humana com equidade, respeito e interesse; respeitem a parcela juvenil do alunado a que se dirigem. (Edital PNLEM 2007).

No edital do PNLEM de 2007 consta que serão excluídas as obras que veiculassem qualquer tipo de preconceito, conforme o trecho a seguir:

-privilegiar um determinado grupo, camada social ou região do País;
-veicular preconceitos de origem, cor, condição econômico-social, etnia, gênero, orientação sexual, linguagem ou qualquer outra forma de discriminação; (Edital PNLEM 2007).

Havia também uma preocupação quanto às diferenças e neste caso à pluralidade social:

[...] estimular o convívio social e o reconhecimento da diferença, abordando a diversidade da experiência humana e a pluralidade social, com respeito e interesse; [...] (Edital PNLEM 2007).

O edital do PNLD 2018 detalha e especifica ainda mais os critérios de avaliação com a finalidade de contribuir para a promoção de transformações das relações étnico-raciais e também de gênero no sentido de buscar equidade:

1.1.8 abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária. [...]

Serão excluídas do PNLD 2018 as obras didáticas que: a. veicularem estereótipos e preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, condição de deficiência, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos humanos; [...]

3.4.2.1. Critérios eliminatórios específicos para o componente curricular Biologia, será observado se a obra:

m. divulga conhecimentos biológicos para a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos no contexto de seu pertencimento étnico-racial e de relações de gênero e sexualidade para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. [...]

3.4.2.1.1. Manual do Professor Na avaliação das obras do componente curricular Biologia será observado, ainda, se o manual do professor:

f. oferece bibliografia que possibilite ao professor de Biologia uma leitura crítica do conhecimento biológico e reconhecimento dos modos como esse conhecimento, em alguns momentos da história da humanidade, favoreceu processos de exclusão e discriminação racial, de gênero, de sexualidade e outros, e de como pode favorecer processos educativos emancipatórios (não excludentes). (Edital PNLD 2018).

O edital faz referência particularmente às imagens orientando que elas precisam expressar a pluralidade étnico-racial, conforme consta no item 3.4.1. que trata sobre os princípios e critérios de avaliação para a área de Ciências da Natureza e Biologia do edital de

convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2018:

3.4.1 [...] A Biologia pode, portanto, contribuir para a valorização dos direitos humanos de respeito à pluralidade e à diversidade de nacionalidade, etnia, gênero, classe social, cultura, crença religiosa, orientação sexual e opção política ou qualquer outra diferença. (Edital PNLD 2018).

Sendo observados como critérios eliminatórios caso a obra não apresente esta pluralidade:

a. valoriza a compreensão de que os conhecimentos biológicos contribuem para o reconhecimento, o debate e o posicionamento sobre os direitos humanos de respeito à pluralidade e à diversidade de nacionalidade, etnia, gênero, classe social, cultura, crença religiosa, orientação sexual e opção política ou qualquer outra diferença; (Edital PNLD 2018).

Há também uma maior atenção para as ilustrações, conforme um dos tópicos contidos no item 2.1.7.2, onde é mencionado que será observado se as imagens contidas nas obras expressam esta pluralidade:

2.1.7.2. No que diz respeito às ilustrações, elas devem:

c. retratar adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país; (Edital PNLD 2018).

Observa-se que o edital de 2007 pretendia evitar os estereótipos étnico-raciais e o preconceito, enquanto o edital de 2018 vai além indicando a necessidade de as imagens expressarem a pluralidade étnico racial em vários tópicos do edital. Consta também no guia do PNLD/2018 a preocupação em atender o respeito à diversidade sendo essa no sentido econômico-social, cultural, étnico-racial, de gênero, religiosa ou qualquer outra forma de manifestação individual e coletiva, evitando estereótipos e associações que depreciem determinados grupos ou que desvalorizem a contribuição dos diferentes segmentos da sociedade.

As representações presentes nos livros didáticos produzem valores e estabelecem diferenças, bem como relações de poder, do ponto de vista educativo, a imagem é suporte de relações sociais, simbolizando, de diferentes maneiras, valores com os quais a sociedade se identifica e reconhece como universais, e orientando os usos e funções da imagem visual no processo de construção de representações sociais reconhecidas como educacionalmente válidas (MAUAD, 2007). Nesse sentido, é importante analisar como os diferentes grupos socioculturais são representados nos livros didáticos por meio de ilustrações como fotografias e desenhos, pois é notório saber que isso tem um impacto sobre a construção da identidade dos educandos de ascendência africana, indígena e mestiça, que não encontram referências

positivas a sua origem, a sua cultura e a sua história, omitida ou mostrada de maneira caricatural, estereotipada e folclorizada na escola. (SILVA, 1995).

Freire (2002), desenvolveu os seus estudos antes da implementação do PNLEM de 2009, e, naquela ocasião afirmava que a representação que cada brasileiro tem do índio é prioritariamente aquela que foi transmitida na sala de aula, com a ajuda do livro didático. Nessa compreensão do autor, é importante ressaltar o papel exercido pela Escola que, longe de informar e formar seus educandos, termina por divulgar uma gama de preconceitos e estereótipos, legitimando-os. Silva (1995), em período anterior ao de Freire, afirma:

“o livro didático, de modo geral, omite o processo histórico-cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o índio, o negro, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem em grande parte para a fragmentação da sua identidade e auto-estima , [...] (SILVA, 1995, p.47)

Conforme esses autores, a Escola ao invés de se tornar o espaço privilegiado por onde o conhecimento transita, transforma-se num espaço de alienação docente e discente, pois o livro didático ainda é nos dias atuais um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares, também para o professor dessas escolas, onde os materiais pedagógicos são escassos e as salas repletas de alunos, o livro didático talvez seja um material que supre as dificuldades pedagógicas (SILVA, 2001).

As imagens além de serem utilizadas como suporte pedagógico, assumem o papel de ferramenta de análise e reflexão, pois

“[...] o olhar chega antes da palavra, o que significa que os seres humanos antes de aprender a falar comunicam-se com o mundo pela visão. Se o visual, ou seja, as imagens podem contribuir para a aprendizagem, sem dúvida é uma proposta metodológica possível de ser utilizada nas aulas de forma satisfatória” (FREIRE, 2001, p.29).

Ao ler e interpretar determinada imagem o indivíduo constrói sua própria cultura visual, amplia a sua compreensão do mundo e de sua própria existência. É importante positivar a imagem de negros e indígenas em livros didáticos, pois as relações sociais que envolvem o contato dos sujeitos com as representações desses povos, em si mesmo ou no outro, são marcadas por um imaginário social racista, que pode levar a preconceitos, atitudes e comportamentos discriminatórios, portanto é necessário criar estratégias para reeducar as relações étnico-raciais. Segundo Cruz (2005) a história do sistema educacional brasileiro e a própria construção da ideia de escolarização “para todos” não contemplou de maneira equitativa populações brancas e não-brancas, indígenas e negras principalmente, portanto, a

comunidade escolar é um espaço em que essas ideias podem ser construídas e debatidas. Sob esta perspectiva o presente trabalho traz como proposta a análise das imagens e elementos textuais, a fim de investigar a permanência ou não dos preconceitos e/ou estereótipos referentes à temática étnico-racial no livro didático.

Os corpos negros e indígenas são marcadores da diferença, que é considerada “desviante” pela estética racista comungada na sociedade. É necessário um trabalho contínuo que contribua para a desconstrução da imagem negativa que se tem do negro e do indígena na sociedade, e desta forma tentar construir uma imagem positiva a partir da valorização de seus corpos e suas culturas. Afinal, uma educação que promove a autoestima da criança negra, e neste caso também da indígena é, para Romão (2001), aquela que supera os limites de inserção da temática na escola durante tópicos especiais ou datas comemorativas. A valorização da diversidade tem de ocorrer com várias estratégias durante a rotina escolar (e de forma contínua), partindo do pressuposto de que não há padrões referenciais de individualidade, personalidade, imagem, beleza ou mesmo de conhecimento e comportamento. Esta perspectiva de educação intercultural altera positivamente os livros e a escola, também traz a complexidade e leva a repensar a cultura escolar. “É a própria concepção da escola, suas funções e suas relações com a sociedade, o conhecimento e a construção de identidades pessoais, sociais e culturais que está em jogo” (CANDAUI, 2010).

2.2 Relações étnico-raciais

As teorias racistas e as políticas excludentes foram a base para a criação de um sistema educacional que tinha como objetivo principal educar para uma identidade nacional branca e de raízes europeias. A centralidade da cultura europeia no currículo escolar culmina em estereótipos presentes nos livros didáticos ao relacionar a população negra e indígena somente a fatores negativos, como a escravidão, ou a fatores culturais estereotipados, como samba, carnaval, esportes e postos de trabalho menos valorizados. Segundo Sant'Ana (2015), os estereótipos presentes nas imagens apenas demonstram o que está no imaginário social formatado desde as bases racistas do escravismo. Soma-se a essa perspectiva a falta de preparo dos professores para tratar de situações de preconceito e discriminação, levando à perpetuação de uma sociedade racista. O ambiente escolar está, dessa forma, impregnado de um racismo cristalizado em imagens negativas, presentes no imaginário social e nas mídias, prejudicando o desempenho escolar dos alunos negros e indígenas, pois leva ao senso comum

de que os negros e indígenas não têm papéis e funções sociais diversificadas e que esse é o “seu lugar” na sociedade. Portanto, o trabalho com as questões étnico-raciais é importante para possibilitar que alunos negros e indígenas construam uma identidade positiva sobre si e sua etnia, visando transformar uma estrutura social e institucional que relega aos alunos que se enquadram nessas etnias o fracasso escolar e perpetua a desigualdade racial.

Na década de 80, o movimento negro envolveu-se em mobilizações para denunciar o racismo e a ideologia dominante presentes nas escolas, espaço onde deveria propagar princípios de igualdade. Dentre os alvos de críticas podemos citar o livro didático, o currículo, a formação de professores entre outros pontos e através destas lutas, nasce a necessidade de se legitimar uma Lei que torne obrigatório o estudo e a valorização da diversidade de culturas que compõem nosso país.

Atualmente, os movimentos sociais organizados por negros no Brasil já conquistaram bastante visibilidade. No entanto, os movimentos sociais organizados para a luta por direitos dos indígenas ainda são bastante precários, talvez dada a grande diversidade entre “as comunidades que somam, hoje, aproximadamente, 305 etnias e falam 274 idiomas diversos” (BRASIL, 2012). Isso contribui para uma confusa imagem em relação aos povos originários, as informações basicamente se resumem a brincadeiras indígenas, costumes alimentares e sua presença no descobrimento do Brasil. Em relação a essa última referência, podemos perceber que, antes da apresentação dos povos autóctones como primeiros habitantes do país, o que costuma estar anteposto é a figura europeia, mesmo quando o assunto é somente a cultura indígena. (BRASIL, 2012).

As mudanças sociais e as políticas para os povos negro e indígena se destacam com a redemocratização (1985) e, a seguir os debates que produziram a Constituição Federal (1988), garantindo o direito individual e coletivo nas suas vertentes de liberdade de culto religioso, de manifestação e associação, além de definir o racismo como crime inafiançável e tantos outros direitos sociais, construindo um espaço legal para a luta pela dignidade dos povos negro e indígena, como podemos ver a seguir:

Lei Caó – Lei n. 7437/1985 – Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou estado civil, dando nova redação à Lei n. 1.390/1951 (BRASIL, 1985).

Na Constituição Federal de 1988, no TÍTULO II, relativo aos direitos e garantias fundamentais, Capítulo I, que trata dos direitos e deveres individuais e coletivos, no artigo quinto consta:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...]

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei [...] (BRASIL, 1988).

A lei Nº 9.459, de 13 de maio de 1997, altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa [...] (BRASIL, 1997).

A lei Federal nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, modificou o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Lei nº 9.394/1996 - LDBEN), o qual ganhou nova redação em 2008, conforme a Lei nº 11.645: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 1996; 2008).

A luta contra o racismo e as discriminações vem abrindo o campo para as discussões em instâncias governamentais e é importante ressaltar que o contexto de debates e produção de políticas de combate ao racismo e ações afirmativas teve contribuições do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), lançado em 13 de maio de 1996, como também as demais edições do segundo e terceiro PNDH, marcos importantes para as conquistas da população afro-brasileira por reconhecimento e reparações. Da mesma forma o Parecer CNE/CP 003/2004 (BRASIL, 2004), que regulamenta a alteração trazida à LDBEN pela Lei nº 10.639/2003 - e estabelece a Resolução CNE/CP n.º 1/2004, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico -Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, atende as demais disciplinas do currículo, contribuindo para a definição de políticas de ações afirmativas. Essa regulamentação legal tem sido considerada na produção dos editais do PNL D, orientando as editoras quanto aos critérios de avaliação das obras.

A Educação figura como elemento capaz de contribuir, de forma substancial, para a construção de uma nova realidade no campo das relações étnico-raciais, como um campo de afirmação da identidade racial. Segundo a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular de 2017 (BNCC), dentre as competências da área de Ciências da Natureza para o ensino fundamental consta:

5. Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza está deve ser o de garantir a formação básica comum e promover o respeito à diversidade (BRASIL, 2017).

Nessa terceira versão não é citada, no marco legal, a lei que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira (Lei 10.639/2003), o Estatuto da igualdade racial (Lei nº 12.288) e as Diretrizes curriculares de 2004 (Resolução CNE/CP n. 1/2004). Essa versão omitiu a palavra racial, ao mencionar diversidade, optando pelo termo étnico-cultural. A versão anterior de 2016, ao contrário, foi construída levando em conta a legislação que possibilita a implementação de ações afirmativas, como pode ser observado nos seguintes objetivos:

A Educação para as Relações Étnico-Raciais, prevista no art. 26A da Lei nº 9.394/1996 (LDB), objetiva a ampliação de conhecimentos acerca da educação para as relações étnico-raciais e, conseqüentemente, para a eliminação do racismo e do etnocentrismo no ambiente escolar e na sociedade brasileira. O estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008) é ministrado no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras, em todas as etapas da Educação Básica, compreendendo a história e a cultura que caracterizam a formação da população brasileira (BRASIL, 2016).

A omissão quanto a legislação que propõe a promoção de uma reeducação das relações étnicos raciais, constatada na terceira versão da BNCC, leva a uma preocupação quanto aos critérios de avaliação que serão considerados para a compra de livros didáticos pelo Ministério da Educação nos próximos editais do PNLD, os quais deverão tomar a BNCC como referência.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizado um estudo qualitativo por meio de análise documental, sendo observadas, descritas e quantificadas imagens com representações de pessoas negras e indígenas em 33 livros didáticos de Biologia do Ensino Médio, em uma amostra de conveniência constituída a partir do acervo de livros didáticos do Laboratório de Ensino da Faculdade de Educação da UFRGS, Casa de Ofícios, do acervo de professores de Biologia do Colégio de Aplicação da UFRGS, e do acervo da professora orientadora da pesquisa. Assim, foi composta uma amostra com todos os livros de Biologia localizados que eram anteriores ou faziam parte do Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM), implantado a partir de 2009. Essa amostra foi constituída por dois livros (um volume único de 1983 e um livro correspondente ao segundo volume de uma coleção incompleta de 2000), produzidos antes do edital do PNLEM de 2009, publicado em 2007. Também foram localizados quatro livros aprovados pelo PNLEM de 2009, três deles volumes únicos e um deles correspondente ao primeiro volume de uma coleção incompleta, além de uma coleção completa, totalizando, portanto, 7 livros analisados. Por fim, foram analisadas oito coleções completas de livros de Biologia das dez aprovadas para distribuição no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018, totalizando, portanto, 24 livros examinados. Na análise foi verificado se os critérios de avaliação relativos à diversidade étnico-racial são cumpridos e de que forma. Também foi verificado se a existência desses critérios de avaliação têm produzido mudanças na produção de livros didáticos de Biologia ao longo dos últimos anos em razão da avaliação do PNLD.

Neste estudo foram quantificados, primeiramente, o número total de fotografias com humanos, o número de fotografias e de outras imagens de pessoas negras e indígenas em cada livro analisado. Posteriormente, foi elaborada uma tabela na qual se comparou a totalidade dessas fotografias de humanos com as imagens nas quais se identificou a presença de pessoas negras e indígenas, citou-se gênero (masculino ou feminino) e faixa etária (adulto ou criança) das pessoas da fotografia e também foi descrita a atividade que estava sendo executada. Além disso, as imagens, fotografias e desenhos com representações de pessoas foram fotografadas e, posteriormente, foram realizadas descrições do contexto em que as pessoas se encontravam. Durante a análise da descrição dessas imagens localizadas, foram construídas categorias de formas recorrentes de representação de negros e de indígenas, a fim de comparar essas representações com imagens de pessoas brancas em livros didáticos de Biologia. Foi verificado também se havia presença de desenhos esquemáticos com representação do corpo humano e de órgãos internos com ilustrações de pele e outros traços fisionômicos característicos de populações negras ou indígenas, ou se prevaleciam figuras de pele clara.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir são descritas as observações de imagens de seres humanos nos livros didáticos de Biologia analisados, destacando as representações de pessoas indígenas e de pessoas negras.

Nos dois livros anteriores à implantação do PNLEM, em 2009, observam-se apenas três fotografias de pessoas. No livro de 1983, trata-se de uma única fotografia de mulher branca com hipertireoidismo. No livro de 2000, havia uma foto de Louis Pasteur, cientista ilustre francês que trabalhou no final do século XIX, e uma foto de mulher grávida branca, esta última no capítulo de genética do desenvolvimento. Interessante notar que as representações de mulheres são, nos dois casos, como objeto de estudo. Já a representação de homem é como sujeito ativo da produção de conhecimento científico.

Dos 17 livros aprovados pelo PNLEM de 2009, foram analisados sete, conforme a Tabela 1 e nesses sete livros, foram localizadas 131 fotos de pessoas, dessas, 26 (20%) eram de pessoas negras e não havia nenhuma foto de pessoa indígena (ver Tabela 1). Essas obras foram avaliadas de acordo com os seguintes critérios do edital, publicado em 2007, e que orientaram a avaliação dos livros didáticos no PNLEM 2009:

[...] será excluída a obra que:

- privilegiar um determinado grupo, camada social ou região do País;
- veicular preconceitos de origem, cor, condição econômico-social, etnia, gênero, orientação sexual, linguagem ou qualquer outra forma de discriminação; (Edital PNLEM 2007, p. 37).

No edital de 2007, bastava que as obras não veiculassem preconceitos, não era explicitada a necessidade de representar a pluralidade da população brasileira. O Edital do PNLD 2018, também previa a exclusão de obras que veiculassem preconceitos:

a. veicularem estereótipos e preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, condição de deficiência, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos humanos; [...] (Edital PNLD 2018)

Mas ia além indicando que as obras precisavam veicular imagens positivas dessas parcelas da população e de seus saberes tradicionais, estabelecendo uma política de ação afirmativa na seleção de livros didáticos, por meio dos seguintes critérios de avaliação:

1.1.6. promover positivamente a imagem de afrodescendentes e dos povos do campo, considerando sua participação e protagonismo em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder; 1.1.7. promover positivamente a cultura e história afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros, dando visibilidade aos seus valores, tradições, organizações, conhecimentos, formas de participação social e saberes

sociocientíficos, considerando seus direitos e sua participação em diferentes processos históricos que marcaram a construção do Brasil, valorizando as diferenças culturais em nossa sociedade multicultural; 1.1.8. abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária. (Edital PNLD 2018).

A partir do edital do PNLD de 2018, foram aprovadas dez coleções de livros didáticos de Biologia, sendo analisadas oito coleções (24 livros) neste estudo. Nessas oito coleções, havia 425 fotos de seres humanos e dessas, 112 (26%) eram de pessoas negras e 20 (5%) fotos eram de pessoas indígenas. Essas informações estão sintetizadas na Tabela 1.

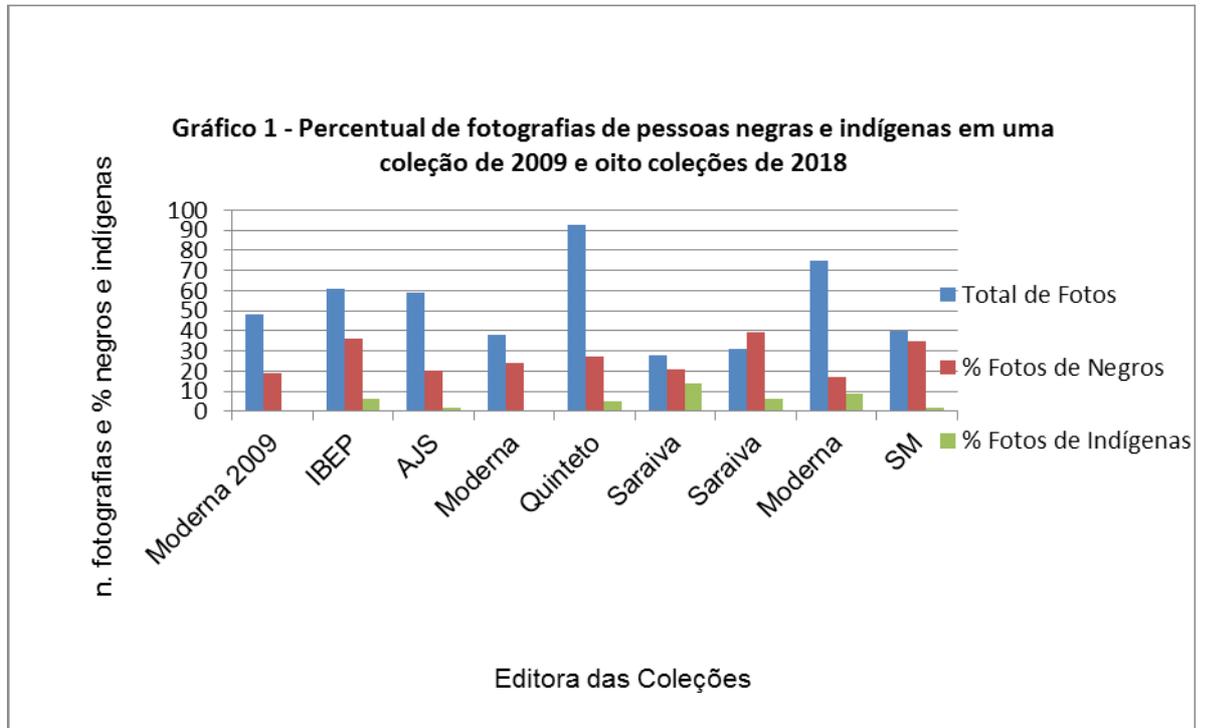
Tabela 1 - Número de fotografias de pessoas negras e indígenas nos livros didáticos de Biologia analisados antes do PNLEM de 2009, livros aprovados no PNLEM de 2009 e coleções aprovadas no PNLD de 2018.

Coleção	Coleção/ Volume	Editora	Ano Publicação	Ano PNLD	Fotos Humanos	Fotos Negros	Fotos Indígenas
Biologia do Organismo Sérgio Linhares e Fernando Gewandszajder	v. único	Ática	1983	x	1	0	0
Biologia Hoje Sérgio Linhares e Fernando Gewandszajder	v.2	Ática	2000	x	2	0	0
Biologia Paulino	v. único	Ática	2004	2009	13	1	0
Biologia José Mariano Amabis, Gilberto Rodrigues Martho	completa	Modern a	2004	2009	48	9	0
Sônia Lopes e Sérgio Rosso	v.único	Saraiva	2005	2009	13	2	0
Biologia J.Laurence	v.único	Nova Geração	2005	2009	39	7	0
Fundamentos da Biologia Moderna Amabis e Martho	v.1	Modern a	2006	2009	18	7	0
Biologia Novas Bases Nélio Bizzo Col. Integralis	completa	IBEP	2016	2018	61	22	1
Biologia Vivian L. Mendonça	completa	AJS	2016	2018	59	12	1
Biologia Moderna Amabis e Martho	completa	Modern a	2016	2018	38	9	0
Contato Biologia Marcela Ogo, Leandro Godoy	completa	Quinteto	2016	2018	93	25	5
Conexões com a Biologia Miguel Thompson, Eloci Peres Rios	completa	Moderna	2016	2018	75	13	7
Biologia Ser Protagonista Lia Bezerra e Colaboradores	completa	SM	2016	2018	40	14	1
Biologia César Sezar Caldini	completa	Saraiva	2017	2018	28	6	4
Biologia Sônia Lopes e Sérgio Rosso	completa	Saraiva	2017	2018	31	12	2
Total de Livros: 33					559	139	21

Obs.: Coleções completas são constituídas por três volumes, um livro para cada ano do Ensino Médio. Volume único são obras que sintetizam os conteúdos dos três anos do Ensino Médio em um único volume. Também foram analisados volumes isolados de coleções que estavam incompletas nos acervos consultados.

No gráfico 1, foram comparadas as fotografias de pessoas negras e indígenas em uma coleção completa, aprovada no PNLEM de 2009, e em oito coleções completas aprovadas no PNLD de 2018. Embora o número de representações de pessoas negras aumente de 20%, em 2009, para 26% em 2018, não chega a ser um aumento expressivo. A coleção de Lopes e

Rosso (2017), publicada pela editora Saraiva, com 31 fotografias, apresentou 12 fotos (39%) de pessoas negras. Mas mesmo este percentual não corresponde à proporção de negros da população brasileira, ficando aquém da proporção divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual afirma que cerca de 54% da população brasileira é constituída de pretos ou pardos, ou seja, mais da metade (IBGE, 2017).



Observou-se também que passaram a existir representações de pessoas indígenas nas coleções de 2018, ausentes até 2009. Mas ainda são pouquíssimas as imagens de indígenas e todas as fotos localizadas mostram representantes de diferentes etnias numa condição que expressa uma vida primitiva, optando-se por selecionar imagens de pessoas seminuas e com ornamentos típicos, como pode ser observado nas figuras(-1 e 2-), a seguir:



Fig.1. Homem idoso, da etnia Suruí, de Roraima, com cocar e adereços (Conexões com a Biologia Miguel

Thompson e Eloci Peres Rios, vol.2 – Ed. Moderna, 2016).

A fig.1 lembra os retratos produzidos pelos naturalistas viajantes do século XIX, veiculando uma representação atemporal e descontextualizada de um homem indígena idoso com ornamento típicos.

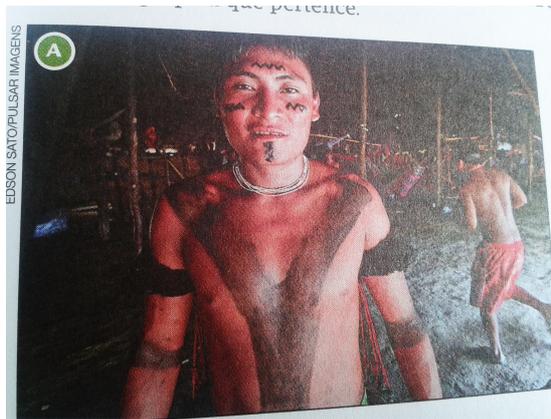


Fig.2. Homem indígena pintado, sem camisa em sua aldeia. (Conexões com a Biologia Miguel Thompson e Eloci Peres Rios, vol.2 – Ed. Moderna, 2016).

Na fig.2, existem elementos do contexto que ajudam a perceber que é uma imagem contemporânea, pela bermuda da pessoa ao fundo. Nessa imagem observa-se tanto a pintura corporal do homem em primeiro plano, quanto uma possível dança realizada pelo homem do fundo, demonstrando o cultivo de práticas culturais tradicionais pelos povos nos dias atuais.



Fig.3. Menino indígena com corpo parcialmente coberto com pinturas típicas dos povos originários. (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.2, Ed. Quinteto, 2016)

Na fig.3, há a presença de menino indígena com parte do corpo coberta com pinturas características do seu grupo cultural, e o capítulo do livro qual a fotografia aparece, trata sobre

a influência das palavras de línguas indígenas e dos conhecimentos tradicionais na nomenclatura dos seres vivos. Apesar, de a fotografia demonstrar a pintura como parte da cultura dos indígenas, a imagem do menino não está situada num contexto que possibilite construir uma representação contemporânea de imagens de diferentes etnias ao longo da obra.

A inclusão de fotografias atuais de pessoas indígenas tem se dado através da busca de um ser mítico tradicional, com atributos bastante positivos, relacionados ao imaginário social sobre seres quase sobre-humanos, que sabiam como preservar o meio-ambiente natural, eram sábios e poderosos em suas crenças xamânicas (MOTA, 2008). A imagem de um verdadeiro indígena tem sido divulgada por uma parcela da sociedade brasileira que se reconhece como não indígena essa visão aproxima-se muito da visão do "bom selvagem" preconizada por [Jean-Jacques] Rousseau (MOTA, 2008). O indígena não deixa de ser indígena por viver em uma sociedade contemporânea. Essas representações reforçam uma imagem estereotipada desses povos. Como pode ser citado no caso dos índios da etnia gamela, no interior do Maranhão que decidiram retomar territórios ancestrais que foram retirados de seus parentes no passado, e foram atacados por fazendeiros em uma emboscada que resultou em vários indígenas feridos, inclusive alguns com uma das mãos decepadas. A área onde ocorreu o ataque é alvo de disputada por fazendeiros, em confronto com os indígenas há pelo menos três anos, e estes indígenas haviam conquistado o direito de ocupar essas terras, o que culminou no referido ataque. Cabe ressaltar que, dias antes um deputado federal chamou a tribo de pseudoindígenas, porém, não somos nós quem deve decidir qual a "cultura" que eles devem seguir, e muito menos como irão manter suas tradições (COHN, 2001). Mas afinal, o que é ser indígena?

Segundo os critérios expostos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o "ser" índio é a autodeclaração de acordo com o seu pertencimento étnico, como podemos observar a seguir:

Identidade e pertencimento étnico não são conceitos estáticos, mas processos dinâmicos de construção individual e social. Dessa forma, não cabe ao Estado reconhecer quem é ou não indígena, mas garantir que sejam respeitados os processos individuais e sociais de construção e formação de identidades étnicas. Os critérios adotados pela FUNAI se baseiam na Convenção 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada integralmente no Brasil pelo Decreto nº 5.051/2004, e no Estatuto do Índio (Lei 6.001/73). A Convenção 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada integralmente no Brasil pelo Decreto nº 5.051/2004, em seu artigo 1º afirma que: [...]

[...]2. A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção."

Já o Estatuto do Índio (Lei 6.001/73) define, em seu artigo 3º, indígena como:

"[...] todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional."

Dessa forma, os critérios utilizados consistem:

- a) na auto-declaração e consciência de sua identidade indígena;
- b) no reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem; (FUNAI, 2017)

Este conflito existente no Maranhão, reflete a dificuldade que rege a titularidade de terras rurais, uma história que passa por expulsões de pessoas mais vulneráveis de suas áreas, em um processo socio-histórico desigual.

Segundo a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, há um conjunto de ações e propósitos que devem ser seguidos para preservar a diversidade existente na Nação, conforme o trecho que será exposto a seguir:

[...] Afirmando também que todos os povos contribuem para a diversidade e a riqueza das civilizações e culturas, que constituem patrimônio comum da humanidade,

Afirmando ainda que todas as doutrinas, políticas e práticas baseadas na superioridade de determinados povos ou indivíduos, ou que a defendem alegando razões de origem nacional ou diferenças raciais, religiosas, étnicas ou culturais, são racistas, cientificamente falsas, juridicamente inválidas, moralmente condenáveis e socialmente injustas,

Reafirmando que, no exercício de seus direitos, os povos indígenas devem ser livres de toda forma de discriminação,[...] (ONU, 2008).

A fig.4, ainda que seja uma representação de um homem sem camisa e usando um cocar, também revela a sua participação em um evento, possivelmente uma assembleia de um movimento social organizado para o enfrentamento político, celebrando a posse de terra. Essa imagem, diferentemente das anteriores remete a uma ação coletiva e possibilita uma reflexão sobre as formas de luta por direitos dos povos indígenas.



Fig.4. Diversidade Cultural – 20 anos da homologação do território indígena Ianomami. (Biologia. Sônia Lopes e Sérgio Rosso, vol.1 - Ed. Saraiva 2017)

Quanto às ocupações das pessoas indígenas representadas nas fotografias, presentes nas coleções de livros do PNLD 2018, verificam-se as seguintes categorias: três fotografias de agricultores, três fotos de mulheres preparando beiju, alimento produzido a partir da mandioca, uma foto de pescadores e uma de uma mulher artesã.

Tabela 2 Quantificação de Ocupações representadas nas fotografias de Pessoas Indígenas PNLD 2018

Ocupação	Homem	Mulher	Nº Total de Ocorrências
Agricultores	2	1	3
Preparação de alimentos	0	3	3
Pescadores	1	0	1
Artesã	0	1	1

A representação do indígena como agricultor foi uma das ocupações mais recorrentes nas coleções de 2018, cabe ressaltar que os indivíduos representados estão sempre executando as atividades de maneira que exige algum tipo de esforço físico, diferentemente do “homem” branco que é representado desempenhando trabalhos intelectuais, ou fazendo uso de tecnologias para executar suas atividades.



Fig.5. Agricultor da etnia Barasano carregando mandiocas que colheu de plantação em área rural de Manaus, (Biologia Novas Bases Nelio Bizzo, vol.3 - Ed.IBEP, 2016)

Nos livros analisados a figura da mulher indígena é vinculada ao artesanato, ou associada a alguma atividade doméstica como a preparação de alimentos. Como pode ser observado na fig.5, na qual mulheres indígenas estão sentadas no chão descascando mandioca para a preparação de prato típico indígena:

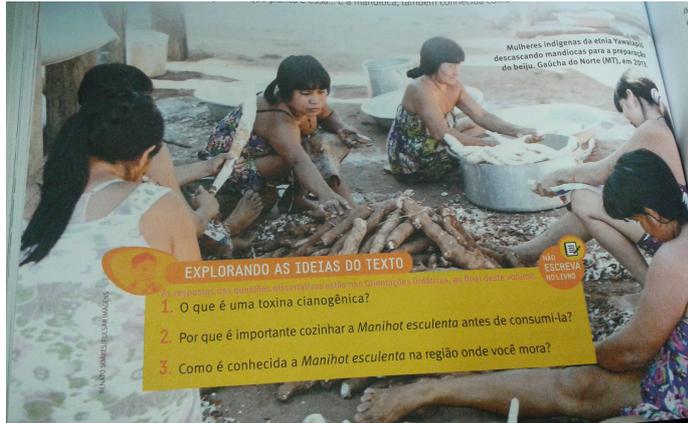


Fig.6. Mulheres e meninas da etnia Yawalapiti descascando mandioca para a preparação do prato típico indígena: Beiju (Biologia César Sezar Caldini vol.2 - Ed Saraiva, 2017).

Na fig.7, podemos observar um grupo de indígenas realizando a atividade da pesca de uma forma tradicional, pelo uso de lanças e não de redes ou varas de pescar, uma atividade que podemos classificar como atividade braçal, mas que, também valoriza conhecimentos transmitidos através das diferentes gerações dos povos originários.



Fig.7. Homens indígenas pescando. (Ser Protagonista Lia Bezerra e Colaboradores, vol.2 – Ed. SM, 2016).

Na fig.8, pode ser observada a imagem da mulher indígena como artesã, tecendo um cesto a partir do capim-dourado, uma atividade que demonstra um trabalho manual ecológico, pois é realizado a partir de matéria prima natural.



Fig.8. Mulher indígena, artesã tecendo cesto com capim-dourado – (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.3, Ed. Quinteto, 2016)

O questionamento que fica é por que não existem representações de pessoas indígenas colando grau nas Universidades, por exemplo? Ou desempenhando alguma profissão de nível superior?

Embora a identidade étnica esteja juridicamente definida a partir do conceito de auto-identificação e adscrição, essas populações se apercebem por meio da expectativa da população brasileira de que os índios pareçam índios e, assim, se pintam, fazem para si cocares (diante falta de penas de arara, com penas de aves criadas) e utilizam tangas. Apropriam-se, portanto, do estereótipo que nossa sociedade criou para os índios (COHN, 2001).

Quanto ao contexto das fotos em que aparecem pessoas indígenas (tabela 3) observam-se representações de diferentes práticas culturais, como rituais de iniciação (fig.9), pinturas corporais, preparação de pratos típicos e produção de artesanato como cestaria, essas fotos foram categorizadas como “diversidade cultural”. A categoria amamentação tem apenas uma foto com uma mãe e um bebê nus (fig.10) e, finalmente, a categoria paciente mostra um homem indígena sendo vacinado por uma enfermeira branca (fig.11). Nessa última representação, observa-se uma hierarquia entre a profissional da saúde numa posição superior, de sujeito da ação, em relação ao paciente, objeto da ação, reforçando uma representação hierárquica entre brancos e indígenas. Ainda que seja uma atividades técnica, aplicar vacina, existe uma hierarquia entre o detentor do conhecimento técnico e o alvo da ação.

Tabela 3 Número de Pessoas Indígenas em Diferentes Categorias de Contextos

PNLEM 2009	PNLD 2018	Categoria de Contextos
0	6	Diversidade Cultural
0	1	Amamentação

0	1	Paciente
---	---	----------

A fig.9 mostra um ritual presente na cultura indígena, o qual marca transição da vida adolescente para a vida adulta de mulheres da tribo, uma representação da diversidade cultural existente nas formas de ser jovem.



Fig.9. Foto de ritual de iniciação de meninas adolescentes, demonstrando a diversidade de práticas culturais (Conexões com a Biologia Miguel Thompson, Eloci Peres Rios, vol.1 – Ed. Moderna, 2016)

Na fig.10, foto de uma mulher Yanomami semi nua representando a figura materna, amamentando seu bebê, uma figura que também representa o afeto existente na relação entre mãe e filho.

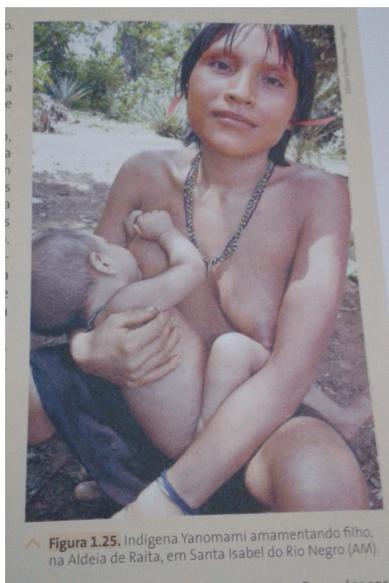


Figura 1.25. Indígena Yanomami amamentando filho, na Aldeia de Raíta, em Santa Isabel do Rio Negro (AM).

Fig.10. Amamentação- mulher e criança Yanomami (Biologia.Sônia Lopes e Sérgio Rosso, vol.3 - Ed. Saraiva 2017)



Fig.11.Paciente: Mulher Kaingang leva seu filho para ser vacinado por profissional da saúde branco – (Cesar Sezar Caldini, vol.3. Ed. Saraiva, 2017).

Na fig.11, uma mulher indígena da etnia Kaingang leva seu filho para ser vacinado, chama a atenção o fato de ser um profissional homem branco executando a ação, o que de certa forma hierarquiza o protagonismo dos sujeitos nesta imagem. A pessoa a qual executa a ação preventiva de cor branca e o sujeito que necessita de cuidados da etnia indígena.

Com relação às representações de pessoas indígenas em desenhos, foi possível classificá-las em três categorias de contextos: desenhos anatômicos em que órgãos internos do corpo humano são representados em pessoas com traços fisionômicos indígenas (fig. 12); diversidade genética (fig. 13) em que são apresentadas imagens sobre a composição do DNA e sobre hereditariedade; diversidade cultural em que um desenho de mulher indígena é acompanhado de um texto sobre as explicações tradicionais indígenas para a origem da vida (Fig.14).

Tabela 4 Categoria de Contextos Desenhos de Pessoas Indígenas

PNLEM 2009	PNLD 2018	Categoria de Contextos
0	2	Anatomia
0	2	Genética
0	1	Diversidade Cultural

Nos desenhos que representavam anatomia humana, foi observado a mesma figura representativa em dois volumes da mesma coleção. Trata-se de um desenho da face de pessoa indígena demonstrando a localização das glândulas salivares (fig.12 abaixo):

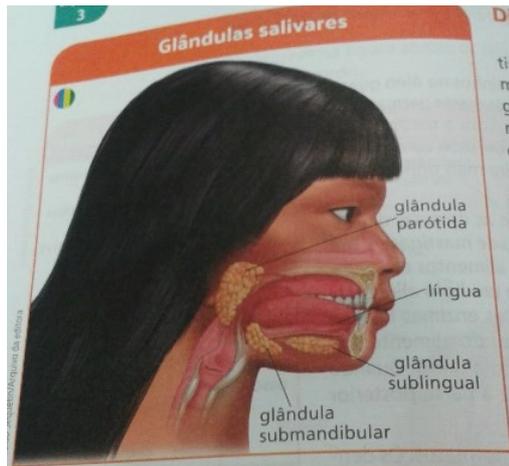


Fig.12. Desenho: Anatomia, representação da face de uma mulher indígena, indicando a localização das glândulas salivares. (Biologia Vivian L. Mendonça, vol.3 – Ed. AJS, 2016).

Na fig.13, ocorre a representação de uma mulher indígena gestante, acompanhada de um texto sobre herança genética. É importante observar que, nesta figura, há a presença da figura masculina também, com a mão sob a barriga da gestante e coraçõezinhos entre os dois, enquanto os balões indicam que ele está imaginando como serão os filhos, o que simboliza afetuosidade. Mas também é importante destacar que o homem é branco e ruivo e só ele está imaginando o futuro, reforçando uma hierarquia de gênero. Trata-se de uma representação de união interétnica contemporânea que naturaliza uma condição invisibilizada em uma história violenta de miscigenação, em que homens brancos escravizavam e abusavam de meninas e mulheres indígenas e negras, no período colonial (SILVA, 2017).



Fig.13. Desenho: Mulher indígena gestante com parceiro branco - texto sobre genética – (Contato Biologia Leandro Godoy, v.1 - Ed. Quinteto, 2016).

Na fig.14, há o desenho de uma figura mítica, com as feições de mulher indígena dentro de uma concha, chorando, essa representação é acompanhada de um texto que relata a

origem do ser vivo sob a perspectiva indígena brasileira, tal temática retrata a diversidade cultural presente em nossa sociedade.

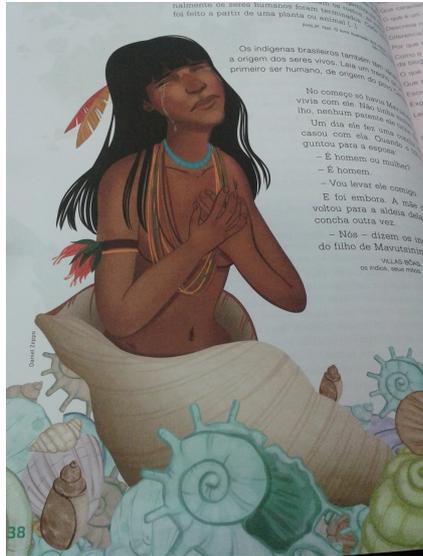


Fig.14.Desenho: Diversidade Cultural, representação de figura mítica, com feições de mulher indígena ilustrando texto sobre origem da vida na perspectiva indígena – (Contato Biologia Leandro Godoy, v.1 - Ed. Quinteto, 2016).

A existência de representações de pessoas indígenas e negras nos livros didáticos aprovados pelo PNLD de 2018 deve-se ao cumprimento de critérios de avaliação previstos no edital, o qual além de evitar o preconceito também indicava a necessidade de representação da pluralidade étnico-racial da população brasileira em uma perspectiva que pode ser interpretada como política de ação afirmativa.

O Edital do PNLD 2018 visava o atendimento dos seguintes critérios de avaliação:

1.1.6. promover positivamente a imagem de afrodescendentes e dos povos do campo, considerando sua participação e protagonismo em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder; 1.1.7. promover positivamente a cultura e história afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros, dando visibilidade aos seus valores, tradições, organizações, conhecimentos, formas de participação social e saberes sociocientíficos, considerando seus direitos e sua participação em diferentes processos históricos que marcaram a construção do Brasil, valorizando as diferenças culturais em nossa sociedade multicultural; 1.1.8. abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária. (Edital PNLD 2018).

Além disso, conforme consta no edital do PNLD de 2018, serão excluídas as obras que:

a. veicularem estereótipos e preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, condição de deficiência, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos humanos; [...] (Edital PNLD 2018)

Embora tenham sido observadas fotos e desenhos de pessoas indígenas, o número de representações ainda era muito pequeno (4%) e, quanto às representações de pessoas negras, houve um aumento no número de fotos de 2009 para 2019. O número total de fotografias de pessoas aumentou e também houve um aumento das ilustrações de pessoas negras, mas esse aumento não foi expressivo em termos proporcionais, passando de 20% das fotos na coleção analisada de 2009 para uma média de 26% das fotos de pessoas negras nas coleções analisadas em 2018.

De nove fotos de pessoas negras na coleção completa de 2009, seis eram de pessoas adultas e três de crianças. Das seis pessoas adultas todas eram homens. E das três crianças, duas fotos eram de meninos e uma de menina. A coleção não apresentou nenhuma representação de pessoa indígena.

Nas oito coleções completas de 2018, foram localizadas 89 fotos de pessoas negras adultas e vinte e cinco fotos de crianças. Das adultas, 37 eram homens e 52 eram mulheres. E das crianças, treze eram meninos e onze eram meninas, sendo que em uma das fotos não foi possível determinar o gênero, pois foi fotografado apenas o pé de uma criança negra, não havendo maiores especificações na legenda da foto. Em relação a pessoas indígenas, observaram-se dezenove fotografias e dessas, dezesseis eram de adultos e três de crianças. Das 16 fotos de adultos, onze eram de homens e cinco de mulheres. E das três fotos de crianças uma era de menino e duas de meninas.

Além de ocorrer um aumento no número de pessoas negras e indígenas houve mudanças na forma como as pessoas negras são representadas quando são comparadas as fotografias do livro do PNLEM de 2009 com as do PNLD de 2018. Notou-se além do aumento no número de representações do gênero feminino, mudanças na forma de representação nas coleções de 2018, onde a mulher passou a ocupar posição de destaque, atuando em diferentes profissões de maior prestígio, desta forma torna-se importante ressaltar a relevância da inclusão dos critérios do PNLD 2018 que buscam promover equidade de gênero:

- 1.1.1. promover positivamente a imagem da mulher, considerando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, reforçando sua visibilidade e protagonismo social;
- 1.1.2. abordar a temática de gênero, visando à construção de uma sociedade não-sexista, justa e igualitária, inclusive no que diz respeito ao combate à homo e transfobia; (Edital PNLD 2018).

Cabe observar que não foi localizada nenhuma imagem que permitisse identificar alguma pessoa, de qualquer origem étnica, como transgênero ou homossexual nos livros analisados, sendo, portanto descumprido o critério que busca combater a homo e a transfobia no que diz respeito às imagens.

Das pessoas negras adultas fotografadas foram identificadas as profissões e as atividades listadas na (tabela 5). Até 2009, as pessoas negras apareceram somente em três fotografias de atletas e duas fotos de recicladores de lixo. Nas obras do PNLEM de 2009, 2009, além de não existir representação de nenhuma pessoa negra em profissões de nível superior, todas as pessoas representadas estavam em situação de vulnerabilidade social, as imagens estavam diretamente ligadas à questão da pobreza. Essa representação pode levar a pensar que o negro não conseguiria sobreviver sem a ajuda do branco, um dos argumentos utilizados para justificar a escravidão.

Nas coleções de 2018, foram observadas a presença das seguintes profissões nas fotografias de pessoas negras: quinze atletas, um comerciante, uma enfermeira, nove estudantes, um geógrafo, três médicas, uma motorista, três pesquisadores e um professor (Tabela 5). São oito fotografias de profissionais de nível superior (fig.18) e mais nove de estudantes (fig.19), totalizando 17 fotografias.

A figura do negro atleta foi a mais presente em todas as coleções de 2018 de forma geral, portanto, não surpreende o fato de que as poucas representações de pessoas negras contidas também em livros aprovados no PNLEM 2009, ter sido recorrente a figura do negro jogador e maratonista.



Fig.15. Atleta, maratonistas negros. (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.3, Ed. Quinteto, 2016)

Na fig.16 seguinte há a presença de um comerciante negro que vende esqueletos de esponjas na região do Mediterrâneo. Um trabalho extrativista com comércio de produtos naturais.



Fig.16. Comerciante de esqueletos de esponjas na região do Mediterrâneo – (Biologia Vivian L. Mendonça, vol.2 – Ed. AJS, 2016).

Na fig.17, pode ser observada uma enfermeira negra vacinando um homem branco idoso, demonstrando o protagonismo negro na área da saúde, uma área com grande apreço por parte da sociedade.



Fig.17. Enfermeira negra vacinando paciente idoso – (Biologia Vivian L. Mendonça, vol.1 – Ed AJS, 2016)

Na fig.18, há a presença de um professor negro. O que traz uma representatividade positiva para o aluno em sala de aula, por se tratar de um profissional de nível superior que está em posição de destaque em relação aos demais presentes na fotografia.

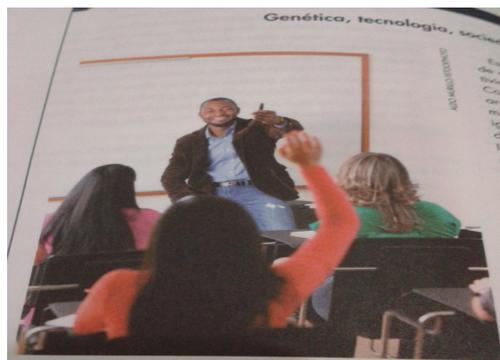


Fig.18 Professor - Profissional de Nível Superior – (Biologia Novas Bases Nelio Bizzo, vol.3 - Ed.IBEP,

2016)

Na fig.19, a imagem de um estudante negro entre os demais estudantes brancos, por um lado expressa o direito à Educação, todavia, o estudante negro está em segundo plano, observando a realização de tarefa escolar por dois alunos brancos e, ao fundo, os demais estudantes também parecem ser todos brancos. Essa representação do estudante negro como passivo e em menor número no contexto escolar pode naturalizar desigualdades históricas entre brancos e negros.

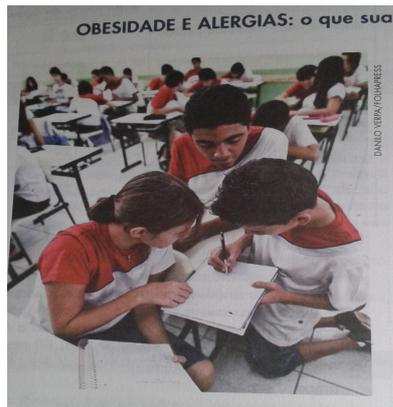


Fig.19. Estudantes. (Biologia Novas Bases Nelio Bizzo, Vol. 1- Ed.IBEP, 2016)

Além disso, permanece um grande número de imagens de negros atletas (13) que, se somados às representações de profissionais de nível técnico e de trabalhadores braçais (5) (fig. 17), totalizam 18 fotografias. A foto da enfermeira foi classificada como profissional de nível técnico pelo contexto de aplicação de vacina, uma função menos complexa do que as atividades que costumam ser desenvolvidas por enfermeiras com curso superior.



Fig.20. Profissão Geógrafo Milton Santos, geógrafo Negro Brasileiro (Conexões com a Biologia Miguel Thompson, Eloci Peres Rios, vol.1 – Ed. Moderna, 2016)

Na fig.20 está o rosto do intelectual brasileiro Milton Santos, que se destacou por seus

trabalhos em diversas áreas da geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo. Foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970, a obra de Milton Santos caracterizou-se por apresentar um posicionamento crítico ao sistema capitalista, e seus pressupostos teóricos dominantes na geografia de seu tempo. Torna-se importante este tipo de representação (principalmente em áreas de estudo no nível superior), em que é informada a biografia do profissional representado.



Fig.21. Profissão Médica, médica negra e paciente branca – (Biologia Novas Bases Nelio Bizzo, Vol. 1- Ed.IBEP, 2016)

Na fig.21, há uma mulher negra na profissão de médica provavelmente explicando algum procedimento para paciente branca que também é mulher. Torna-se de extrema relevância a representação de mulheres negras em profissões de prestígio, dando assistência para outros indivíduos na sociedade.



Fig.22. Profissão: Mulher negra na profissão de motorista. (Ser Protagonista Lia Bezerra e Colaboradores, vol.2 – Ed. SM, 2016).

A fig.22 ainda que seja uma representação de pessoa negra desempenhando uma profissão técnica, mostra uma mulher realizando uma atividade que, por muito tempo, foi reservada aos homens, contribuindo para a promoção da equidade de gênero.



Fig.23. Pesquisador – homem negro analisando ao microscópio (Conexões com a Biologia Miguel Thompson e Eloci Peres Rios, vol.2 – Ed.Moderna)

Na fig.23, um homem negro realizando algum tipo de análise de amostra diante do microscópio, a ciência é uma área fundamental para o desenvolvimento da sociedade, e é de relevância que pessoas da etnia negra estejam inseridas neste contexto.

Tabela 5 Totalidade de Profissões Pessoas Negras por Gênero PNLD 2018

Profissão	Homem	Mulher	Nº Total de Ocorrências
Atletas	8	7	13
Estudantes	8	1	9
Médico	0	3	3
Pesquisador	2	1	3
Geógrafo	1	0	1
Professor	1	0	1
Motorista	0	1	1
Enfermeira (nível técnico)	0	1	1
Comerciante	1	0	1

Quanto ao contexto das imagens fotografadas foram observadas as seguintes categorias de cenários para as pessoas indicando sua posição social e as atividades que realizam:

Tabela 6 Contexto de Fotografias

PNLEM 2009	PNLD 2018	Nº Total de Ocorrências	Categorias de Contextos
2	21	23	Vida Saudável
3	15	18	Esporte
1	13	14	Diversidade Cultural
3	11	14	Genética e Hereditariedade
0	13	13	Profissional de Nível Superior
0	13	13	Pluralidade Populacional
4	7	11	Trabalho Subalterno e Vulnerabilidade
0	7	7	Afeto
0	6	6	Minoria e desigualdade
0	6	6	Paciente
0	5	5	Amamentação
0	4	4	Educação e Estudante
0	4	4	Anatomia
0	3	3	Sexualidade Responsável
0	2	2	Profissional de Nível Médio
0	2	2	Sustentabilidade Ambiental

Somando-se as representações de profissionais de nível superior (13), estudante e educação (4), com as situações de vida saudável (21), afeto (7), esporte (15), diversidade cultural (13), genética e hereditariedade (11), pluralidade populacional (13), amamentação (5), anatomia (4), sexualidade responsável (3), profissional de nível médio (2) e sustentabilidade ambiental (2) observa-se um total de 113 (81%) imagens positivas de pessoas negras em 2018.

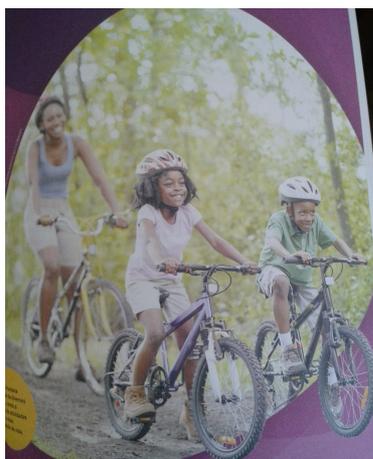


Fig.24. Vida Saudável, pessoas negras andando de bicicleta: um menino, uma menina e uma mulher - (Cesar Sezar Caldini, vol.3. Ed. Saraiva, 2017).

Na fig.24, aparentemente uma família de pessoas negras, andam de bicicleta em meio a um cenário rodeado por vegetais. A expressão destas pessoas na imagem, remete à alegria, e introduz a temática vida saudável inclusa no livro desta coleção. A categoria vida saudável

(fig. 24) foi a que teve o maior número de imagens (21), sendo incluídas imagens de pessoas com alimentação equilibrada, realizando atividades físicas ao ar livre e atividades de lazer.

A segunda categoria mais frequente, esporte (15) tem um sentido ambivalente. Embora as imagens de atletas sejam positivas, o estereótipo do atleta vem da valorização da força física do negro, em prejuízo da inteligência, é importante considerar que o valor dos atletas negros nos esportes sempre foi reconhecido, mas nem por isso foi reconhecido o pleno direito ao exercício da cidadania até mesmo por atletas de elite como foi o caso do corredor americano Jesse Owens, homem negro, que desafiou a suposta ‘pureza alemã’ em 1936, três anos antes da 2ª Guerra Mundial, ao participar das Olimpíadas de Berlim, batendo quatro recordes olímpicos. Hitler, que estava presente no Estádio Olímpico de Berlim, recusou-se a descer da tribuna para cumprimentar Owens e outros medalhistas negros. Apesar de ser considerado um ícone do olimpismo, da superação e da igualdade pelo esporte, Jesse Owens nunca teve, em vida, o reconhecimento digno de seus feitos – apesar de ter batido oito recordes mundiais, em diversas modalidades, e quando retornou aos Estados Unidos, de Berlim, continuou não podendo entrar pela porta da frente dos ônibus, participar de campanhas publicitárias, e quando viajava com sua equipe, Owens era obrigado a frequentar “hotéis e restaurantes para negros” em várias cidades. Hitler não o cumprimentou na Alemanha, mas em seu próprio país, ele também não foi convidado para ir à Casa Branca receber os cumprimentos do presidente, que sequer lhe mandou um telegrama para parabenizá-lo.



Fig.25. Inclusão no Esporte - (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.2, Ed. Quinteto, 2016)

A fig.25, além de representar atletas negros, mostra pessoas com deficiência praticando esporte, o que contribui para a construção de uma perspectiva inclusiva.

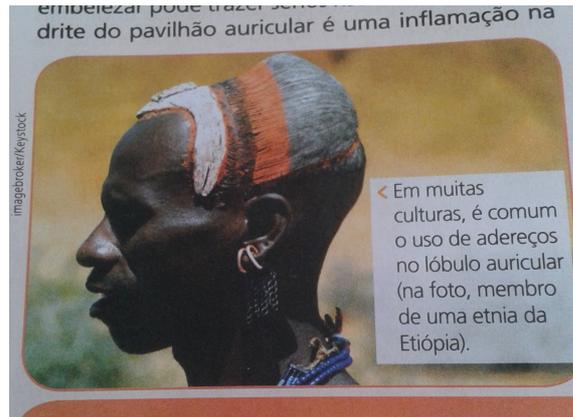


Fig.26. Diversidade Cultural, adereços em membro de uma etnia da Etiópia – (Biologia Vivian L Mendonça, vol.1 – Ed. AJS, 2016)

A fig.26 remete à diversidade cultural existente entre os povos africanos, na foto é exemplificado o quanto é comum a utilização de adereços no lóbulo auricular, citando como exemplo um membro da Etiópia.



Fig.27. Genética e Hereditariedade – Gêmeos Monozigóticos e Dizigóticos (Biologia Vivian L. Mendonça, vol.1 –Ed. AJS, 2016)

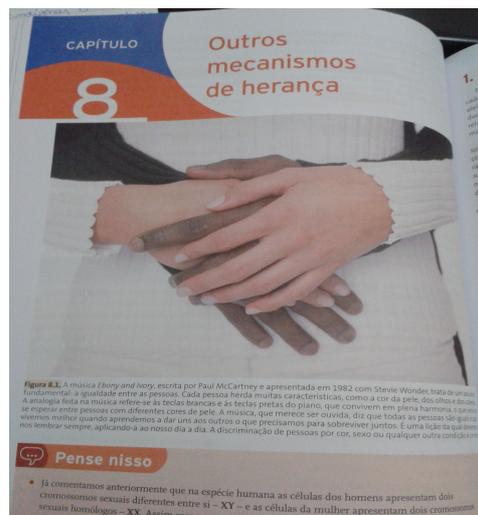


Fig.28. Genética e Hereditariedade – Mãos Entrelaçadas, mecanismos de herança (Biologia. Sônia Lopes e Sérgio Rosso, vol.3 - Ed. Saraiva, 2017)

O capítulo de genética costuma apontar que os estudos nesta área não sustentam o conceito de raças humanas. E esses estudos, além de demonstrarem que não há base biológica para o racismo, também acabam oferecendo argumentos a grupos conservadores que se opõem a políticas de ações afirmativas. Esses grupos consideram que as práticas de reparação de injustiças históricas reforçariam o racismo. Dessa forma, mais uma vez, os conhecimentos biológicos podem ser utilizados com fins políticos. Aqui é importante lembrar o racismo científico que no final do século XIX e início do século XX, sem qualquer base científica, na forma de ideologia racial serviu para justificar a negação de direitos aos escravizados e seus descendentes, pois defensores da escravidão categorizaram os negros como um grupo “subumano”, baseado em diferenças “naturais”, identificáveis por características externas, esse fato justificava a exploração das pessoas negras, associando erroneamente traços fisionômicos à níveis de inteligência.



Fig.29. Médica Negra realizando ultrassonografia em gestante branca – (Biologia Sônia Lopes e Sérgio Rosso, vol.3 – Ed. Saraiva, 2017).

Na fig.29 uma médica negra realiza ultrassonografia em paciente gestante branca, simbolizando o protagonismo feminino e negro na área da medicina, executando uma função de prestígio social.



Fig.30. Pluralidade Populacional – (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.3, Ed. Quinteto, 2016)

A fig.30 mostra duas crianças negras, uma com feições indígenas, uma com feições orientais e outras três crianças brancas, expressando pluralidade étnico-racial.

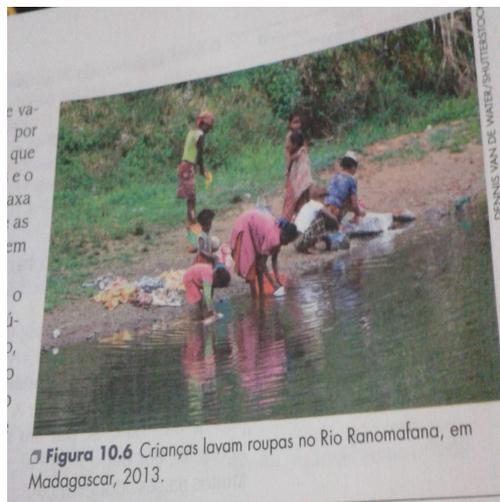


Fig.31. Trabalho Infantil – (Novas Bases NELIO BIZZO, vol.3 - Ed.IBEP, 2016)

Na fig.31, crianças auxiliam na lavagem de roupas à beira de um rio. Cabe ressaltar o trabalho infantil retratado na imagem mostrando essas crianças negras em posição desfavorável, e em situação de vulnerabilidade.



Fig.32. Vulnerabilidade à verminose: pessoas em situação de risco à esquistossomose. (Novas Bases Nelio Bizzo, vol.2 - Ed.IBEP, 2016).

Na fig.32, mais um tipo de situação que naturaliza a imagem das pessoas negras em situação de vida precária e de vulnerabilidade social, na legenda da foto há um alerta para risco eminente de contrair esquistossomose.



Fig.33. Trabalho Subalterno: pessoas trabalhando em uma unidade de triagem, recicladora de lixo – (Biologia José Mariano Amabis Gilberto Rodrigues Martho, vol.3 - Ed. Moderna 2008)

Na fig.33, constata-se uma situação de trabalho subalterno, pois pessoas negras estão trabalhando na triagem de lixo, uma ocupação que oferece vulnerabilidade à saúde, nota-se que os indivíduos de etnia negra são maioria nesta imagem.



Fotografia de uma pessoa coletando material em lixão.

Fig.34. Vulnerabilidade Social, pessoa negra catando lixo em meio a um lixão (Sônia Lopes e Sérgio Rosso, Vol. Único - Ed, Saraiva, 2005)

Na fig.34, um homem negro está catando lixo em meio ao lixão, uma atividade extremamente prejudicial à saúde e que facilita o contágio de enfermidade por conta do contato direto e eminente com objetos não higienizados. A fotografia indica pobreza extrema, e representa o negro em uma posição desfavorável no âmbito econômico e humano.



Fig.35. Afeto Familiar (Biologia. Sônia Lopes e Sérgio Rosso, vol.3 - Ed. Saraiva 2017)

A fig.35, além de mostrar uma situação de afeto familiar, reforça o cuidado das crianças pelos pais, contribuindo para a promoção de equidade de gênero.



Fig.36. Afeto: Dois meninos abraçados (Ser Protagonista Lia Bezerra e Colaboradores, vol.2 – Ed. SM, 2016).

A fig.36 demonstra afetuosidade entre duas crianças, também revela situação de igualdade, pois as duas crianças estão em posição de destaque nesta fotografia.



Fig.37.Desigualdade, estudante branca e estudante negro, mas apenas o semblante do negro está desfocado nesta foto (Novas Bases Nelio Bizzo, vol.2 - Ed.IBEP, 2016).

Na fig.37, há a presença de alguns estudantes, porém o estudante negro além de ser minoria entre estudantes brancos, está desfocado nesta foto. O enfoque prevaleceu apenas à menina branca sentada ao lado do estudante negro. Este fato remete a algum tipo de hierarquização de posição da estudante branca em relação ao estudante negro.



Fig.38. Minoria: Grupo de 10 pessoas, apenas um negro presente – (Biologia Moderna Amabis e Martho, vol.3 – Ed. Modernan, 2016).

A fig.38 representa o negro como minoria, pois em um grupo de 10 pessoas, há apenas um menino negro presente no grupo. Esta fotografia infelizmente reflete o que acontece em nossa sociedade, sempre há um menor número de negros em locais de maior prestígio em relação à sociedade. Em contrapartida os negros lideram as taxas de homicídios em nosso país e ainda são a maioria a receber os menores salários. A população negra corresponde a 78,9% dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios e de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras, a etnia negra possui chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação aos brasileiros de outras etnias (IPEA, 2017).



Fig.38. Paciente- Paciente Negra realizando exame de ultrassonografia (Conexões com a Biologia Miguel Thompson e Eloici Peres Rios, vol.2 – Ed.Moderna, 2016)

Na fig.38 é interessante notar que o pai da criança está participando do exame pré-natal promovendo uma cultura de envolvimento dos pais com os filhos. Mas há uma hierarquia entre médica de feições asiáticas e paciente negra.



Fig.39. Amamentação, mulher negra amamentando seu bebê – (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.3 - Ed. Quinteto, 2016)

A fig.39 trata de um assunto importante pertinente à saúde infantil: a amamentação, e também simboliza a afetuosidade presente entre mãe e filho.



Fig.40. Estudante (Ser Protagonista Lia Bezerra e Colaboradores, vol.1 – Ed. SM, 2016).

Na fig.40 há a ocorrência de estudante do sexo feminino negra, esta mulher está em posição centralizada na foto, escrevendo em um caderno.

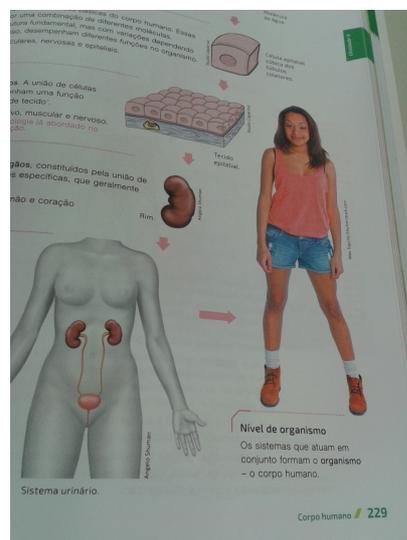


Fig.41. Anatomia – Fotografia de mulher negra e desenho esquemático de corpo feminino exemplificando anatomia do corpo humano (Contato Biologia. Leandro Godoy, vol.1 - Ed. Quinteto 2016)

Na fig.41, foi utilizada a imagem de uma mulher para representar a localização de órgãos internos, colocando a figura da mulher negra em posição de destaque neste contexto.



Fig.42. Igualdade – (Biologia Novas Bases Nelio Bizzo, vol.1- Ed.IBEP, 2016)

Na fig.42, dois estudantes em posição de igualdade, a foto do negro na escola simboliza que a etnia passou a ocupar um espaço maior no cenário educacional.



Fig.43. Sexualidade Responsável – (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.1, Ed. Quinteto, 2016)

Na fig.43, um homem negro está exposto em cartaz da campanha nacional de prevenção a AIDS, a fotografia mostra um homem alegre e sorrindo em uma ambientação colorida, o cartaz também simboliza um apelo á sexualidade responsável.



Fig.44. Sustentabilidade Ambiental: cartaz recuperação Manguezais. (Biologia Vivian L. Mendonça, vol.1 – Ed. AJ, 2016).

Na fig.44, um homem negro estampa um cartaz sobre recuperação do bioma manguezal, a mensagem do cartaz representa um apelo à manutenção de um ambiente sustentável.

Quanto aos desenhos esquemáticos, nos exemplares do PNLEM 2009 ocorreram representações de pessoas negras no capítulo sobre verminose, especificamente no ciclo da *Tênia* em dois exemplares. Nas coleções de 2018 foi possível verificar as seguintes representações: uma pesquisadora, representações fazendo inferências a contextos genéticos, representações demonstrando a diversidade cultural, representações simbolizando a inclusão de pessoas com necessidades especiais, cotextualizações sobre sustentabilidade ambiental e sexualidade responsável e 23 desenhos esquemáticos, indicando órgãos anatômicos em corpos da etnia negra ou indígena.

Tabela 7 Contexto de Desenhos Esquemáticos

PNLEM 2009	PNLD 2018	Nº Total de Ocorrências	Categorias de Contextos
0	23	23	Anatomia
2	3	5	Vulnerabilidade
0	3	3	Hereditariedade e Genética
0	2	2	Profissional de Nível Superior
0	1	1	Diversidade Cultural
0	1	1	Inclusão
0	1	1	Sexualidade Responsável
0	1	1	Sustentabilidade Ambiental

É importante mencionar a representação de corpos negros para a indicação anatômica de órgãos internos (Fig.45) nas coleções do PNLD 2018. Diferentemente nos livros aprovados no PNLEM de 2009 estavam ausentes, foram localizadas apenas representações esquemáticas de corpos de cor branca ou rosada.

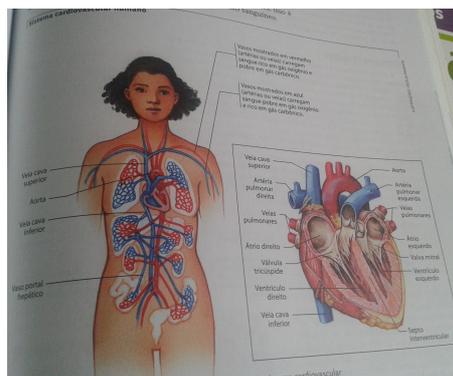


Fig.45.Desenho Figura corpo Mulher negra, anatomia (Conexões com a Biologia Miguel Thompson e Eloci Peres Rios, vol.3 – Ed. Moderna, 2016)

Na fig.46 está representado o ciclo de uma verminose: o ciclo da Tênia. Para ilustrar uma das fases de hospedeiro, foi utilizado o desenho de uma menina negra se alimentando. Salientamos que nesta edição de 2004, esta foi a única representação de pessoa negra no PNLEM 2009.

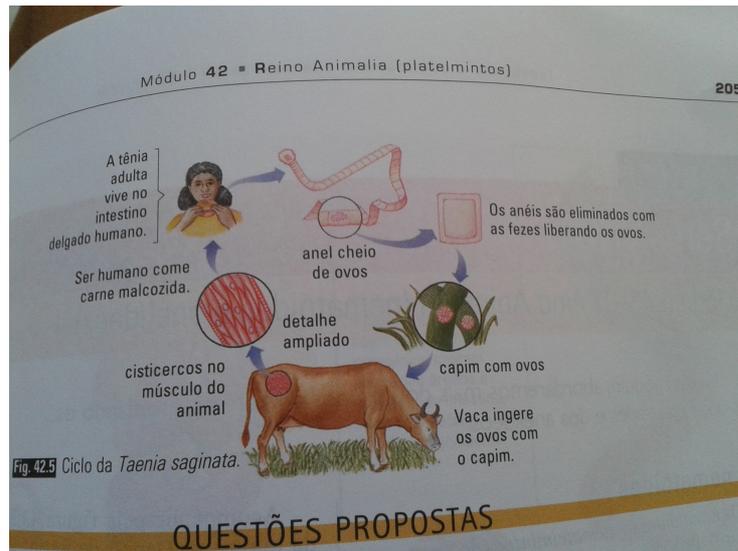


Fig.46. Desenho: Vulnerabilidade à verminose, representação de menina negra no ciclo da Tênia – (Biologia Paulino, vol. Único – Ed. Ática, 2004).

Na fig.47 observa-se a figura de um menino negro acompanhada de um texto sobre herança genética, o desenho possui balões que simbolizam pensamentos do menino em relação a cromossomos e DNA, com um apelo científico.

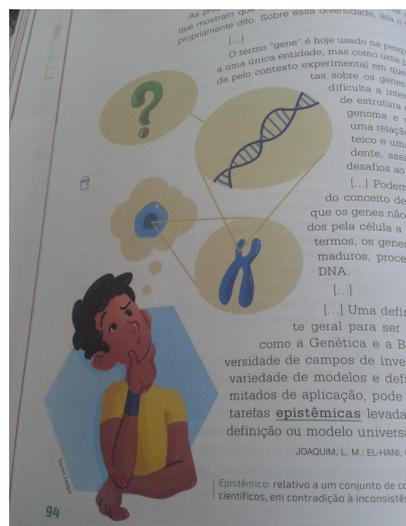


Fig.47. Desenho: Genética, menino negro pensando acerca de cromossomos e DNA - - (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.3, Ed. Quinteto, 2016)

Na fig.48, consta uma história em quadrinhos de cunho científico onde a personagem principal é uma pesquisadora negra que procura desvendar a morte de uma onça-pintada. Uma maneira de incentivar a representatividade negra e feminina na área da Ciência.



Fig.48.Desenho: Profissional Nível Superior Pesquisadora – História em Quadrinhos (Conexões com a Biologia Miguel Thompson e Eloci Peres Rios, vol.3 – Ed. Moderna, 2016)

A fig.49 demonstra representatividade e inclusão, pois há a representação de uma menina negra realizando aparentemente uma tarefa escolar com um menino cadeirante. Representações deste tipo são essenciais uma vez que simbolizam o protagonismo de dois exemplos de categorias que estão em minoria nos materiais didáticos e nas instituições educacionais.

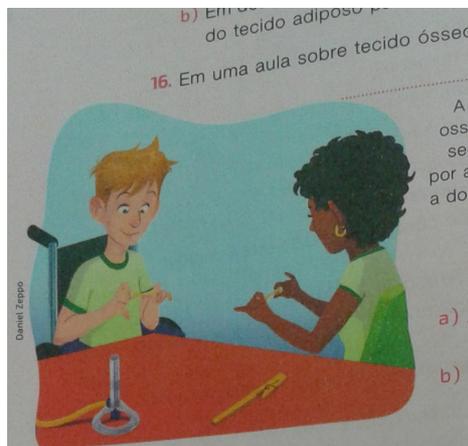


Fig.49Desenho: Inclusão, menina negra realizando tarefa escolar com menino cadeirante – (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.1 - Ed. Quinteto, 2016).

Na fig.50 está representada a capa do Guia de Educação Integral em Sexualidade entre Jovens, onde consta um jovem negro simbolizando o pai de uma criança cuja a mãe é branca, o casal está aparentemente com uma fisionomia de preocupação, e logo abaixo no canto inferior do Guia está um casal se beijando, uma menina negra e um menino branco, há um balãozinho que simboliza um pensamento onde a menina está pensando em utilizar preservativo.



Fig.50.Desenho: Sexualidade Responsável, Guia de Educação Integral em Sexualidade entre Jovens – ((Biologia Novas Bases Nelio Bizzo, vol.1- Ed.IBEP, 2016)

Na fig.51, está representado de forma de quadrinhos com ilustrações de ações do dia a dia que podem contribuir para evitar o desperdício de água, no desenho existe a figura de um menino tomando banho de forma em que há o desperdício e de forma consciente, e uma mulher simbolizando uma dona de casa executando a tarefa de lavar a louça também de forma incorreta e de forma sustentável.



Fig.51. Desenho: Sustentabilidade ambiental, o Uso da água de forma sustentável. (Contato Biologia Leandro Godoy, vol.3 - Ed. Quinteto, 2016).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) constatou-se que mais da metade da população brasileira (54%) é de pretos ou pardos (grupos agregados na definição de negros), sendo que a cada dez pessoas, três são mulheres negras, um aumento observado de 15% da população que se autodeclara negra no país, nos últimos quatro anos, pois o último censo havia sido realizado em 2010. Segundo pesquisadores do próprio Instituto, no caso do aumento da autodeclaração de pretos, tem um fator a mais: o reconhecimento da população negra em relação à própria cor, que faz mais pessoas se identificarem como pretas. Em 2004, 51,2% dos brasileiros se diziam brancos diante de 42% pardos e 5,9% negros (totalizando 47,9% de negros e pardos), apontando para a predominância da população brasileira que se autodeclarava branca. Foi em 2007 que os números começaram a se modificar, quando 49,2% se disseram brancos, 42,5% pardos e 7,5% negros (totalizando 50% de negros e pardos). Desde então, o número de pessoas que se diz negro ou pardo só faz crescer, e esse crescimento está relacionado com a visibilidade que tem sido dada à temática racial nos últimos anos possibilitando às pessoas que reformulem questões relacionadas às suas identidades, corroborando o processo que vem sendo conceituado como etnogênese, um fenômeno em que, diante de determinadas circunstâncias históricas, um grupo étnico, que havia deixado de assumir sua identidade étnica por razões também históricas, consegue

reassumi-la e reafirmá-la, recuperando aspectos relevantes de sua cultura tradicional (LUCIANO, 2006).

Até 1850 não se falava em raça, e o negro poucas vezes era tema da literatura ou de trabalhos científicos. A situação se modifica com a introdução do racismo científico no Brasil, no século XIX que leva à formação de uma imagem depreciativa, que chegou até à produção cultural e aos meios de comunicação. O racismo científico foi utilizado pelas elites nacionais como justificativa para um imperialismo local (SCHWARCZ, 2008), pois ao adotar doutrinas europeias o país estaria em contato direto com um suposto progresso civilizatório. Conforme dados históricos “os africanos eram descritos como negligentes, passivos, embrulhões e guiados pelo impulso. Os europeus, ao contrário como são inteligentes, inventivos e guiados pelas leis [...], com uma tendência a estabelecer hierarquias de valores no interior das quais os europeus se saem sempre bem, ou mesmo muito bem” (BARBUJANI, 2007, p.66).

Os lugares de representação simbólica como espaços públicos, livros didáticos, produções artísticas, e meios de comunicação acabam por reproduzir a segregação presente nos demais setores da sociedade (MARTINS, 2009).

Analisando os dados oficiais que remetem à totalidade de habitantes declarados indígenas, segundo os dados mais recentes do Censo Demográfico 2010, existe pelo menos um indígena autodeclarado em 80,5% dos municípios brasileiros, sendo que o critério utilizado para a captação dos indígenas nos Censos Demográficos é a autoclassificação ou autoidentificação, independentemente de quem foi o informante, o próprio ou não. A população indígena não chega a 1 ponto percentual, totalizando 0,4% da população total brasileira (IBGE 2010). Em alguma medida, essa população também está subdeclarada, pois também ao longo dos séculos o preconceito construído ao redor de “ser índio” foi bastante difundido, cabendo ressaltar que a categoria “indígena” foi introduzida no questionário do censo demográfico sendo pesquisada em âmbito nacional apenas a partir do censo demográfico de 1991, anteriormente a categoria “índio” estava introduzida no quesito cor, mas a aplicação desta categoria era apenas para os que viviam em aldeamentos ou postos indígenas.

A ampliação da escolarização, apoiada nos instrumentos e orientações já descritos, pode contribuir na redução das posturas racistas e preconceituosas, favorecendo o reconhecimento da diversidade com um componente essencialmente humano e reparando equívocos e dívidas históricas com negros e indígenas. A busca por saber apenas mecanismos ligados a sua própria cultura é um dos fenômenos que dá origem e sustentação ao preconceito,

assim como os estereótipos também são matéria-prima e expressão do preconceito. Os preconceitos são juízos preestabelecidos, baseados em crenças ou opiniões que formamos sem conhecer devidamente a realidade sobre a qual nos manifestamos.

O principal desafio ético do ensino de ciências nas escolas é a garantia do reconhecimento e valorização da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, postura contrária à discriminação, como toda a legislação educacional brasileira desde a constituição federal de 1988. Todos nós - homens e mulheres- somos feitos de diversidade, embora escondamos também a semelhança, mas ela, a diversidade, é geralmente traduzida, entre outros, em diferenças de raças e culturas, de classe, de sexo ou de gênero, de religião, de idade (MUNANGA; 2003; 2008; 2010).

Reconhecendo a importância dessa temática, num país formado por uma gritante diversidade, causa-nos admiração a precariedade do conhecimento que a sociedade brasileira tem a respeito das etnias indígenas e negras, apesar dessa humanidade constituir-se como nossa ancestralidade primeira. Qualquer brasileiro acredita conhecer muito a respeito de sua origem e, se indagado a respeito da formação da população brasileira, facilmente saberá determiná-la com a influência da ascendência de índios, negros e brancos europeus. Não há dúvidas quanto a esse entendimento, e é certo que se pode comprovar na evidência de traços físicos, de hábitos, de toda a cultura miscigenada. Para nós, fazer circular discursos silenciados faria toda uma diferença em nosso quadro político-social. Assim é que se faz necessário pensar, refletir sobre o nosso percurso histórico e, nessa reflexão, mensurar a importância da cultura indígena e negra em nossa sociedade. Dessa ignorância inicial, deriva todo o nosso desconhecimento de como vivem/sofrem, na atualidade, o povo negro e indígena e de como enfrentam os preconceitos, postos em circulação por uma cultura que valoriza mais a contribuição cultural europeia do que a dos demais, e constantemente retomados por nós, seus descendentes. Durante a Segunda Guerra Mundial Ashley Montagu tinha escrito que, no homem, a raça é uma construção social e não um dado biológico (BARBUJANI, 2007), mas mesmo assim as sociedades humanas construíram elaborados sistemas que privilegia alguns e oprimem outros, apenas baseando-se em insignificantes diferenças genéticas, que envolvem pouquíssimos genes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem relevância para os sujeitos interessados na positivação das relações étnico-raciais em livros didáticos, sujeitos que não devem se omitir diante de discursos e situações racistas. É necessário pensar sobre racismo e inserir uma visão afirmativa sobre as contribuições sociais, culturais e religiosas das diversas matrizes civilizatórias que compõem a nossa Nação. Pois, demonstrar para crianças e adolescentes descendentes de povos negros e indígenas referências positivas sobre seu lugar no mundo e sua identidade, contribui para elevação de sua autoestima e sensação de pertencimento à sociedade.

Os afro-brasileiros merecem aprender que são originários de um continente cuja riqueza e diversidade construiu Impérios, Nações, Confederações, locais onde a autonomia não foi tomada completamente nem mesmo pacificamente. Devem aprender que descendem de homens e mulheres sequestrados e trazidos para um novo lugar, mas que foram capazes de se articular, criar laços, resistir e negociar, quando possível. Devem aprender que somos base da formação desta nação com contribuições culturais étnicas que influenciam a totalidade da cultura brasileira.

Assim como os indígenas, que são influenciadores natos das culturas que compõem este país, que são lembrados por nós de maneira folclorizada apenas em uma data comemorativa no mês de abril, porém parecem ser esquecidos nos outros dias do ano. Infelizmente, continuam a ser expulsos de propriedades e massacrados ao requerer um pedaço de terra que é deles por direito. Pois aparentemente, o direito do homem branco parece prevalecer sobre os direitos do homem “de cor”.

Ser representado é importante, a positivação da imagem torna aparentes atributos que nos distinguem, provocam nossa própria valorização e empatia no outro. A representatividade inspira, encoraja, fortalece os laços com nossa própria ancestralidade, desta forma é possível aprender e ensinar em conjunto com seu semelhante para que de maneira coletiva seja possível construir uma sociedade plural, justa e igualitária para todos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBUJANI, Guido. A invenção das raças: Existem mesmo raças humanas? Diversidade e Preconceito Racial. Editora Contexto: São Paulo, 2007.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 7.437, de 20 de Dezembro de 1985.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7437.htm Acesso em 08.01.2018.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 28.12.17.

BRASIL. Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em 29.12.17.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 9.459, de 13 de Maio de 1997.** Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#art1 Acesso em 08.01.2018

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> Acesso em 30.05.2016.

BRASIL. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Parecer sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Parecer nº 3, de 10 de março de 2004. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf Acesso em 16.07. 2017.

BRASIL. Parecer CNE/CP n.º 03, de 10 de março de 2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: Conselho Nacional de Educação, MEC, 2004.

Disponível em: (<http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12988-pareceres-e-resolucoes-sobre-educacao-das-relacoes-etnico-raciais>) Acesso em 25.05. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica- Programa Nacional do livro do Ensino Médio para o ano de 2007 pnlem/2007. **Edital de Convocação para Inscrição no Processo de Avaliação e Seleção de Obras Didáticas a serem incluídas no Catálogo do Programa Nacional do livro para o Ensino Médio- pnlem/2007.** Disponível em ftp://ftp.fnde.gov.br/web/editais_licitacoes/edital_pnlem_2007.pdf Acesso em 02.01. 2018.

BRASIL. Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 11.645, de 10 de Março de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm#art1 Acesso em 29.12.17

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Resolução CNE/CEB nº 7/2010.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7246-rceb007-10&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192 Acesso em 28 outubro 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2018.** Disponível em: (<http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>) Acesso em 05.06.2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural** . Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Portal Brasil: Brasil tem quase 900 mil Índios de 305 Etnias e 274 Idiomas.** 2012. Disponível em: (<http://www.brasil.gov.br/governo/2012/08/brasil-tem-quase-900-mil-indios-de-305-etnias-e-274-idiomas>). Acesso em: 25.05.2017.

BRASIL. **Biologia: Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2009** . Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 108 p. : il. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/4289-guia-pnlem-2009>. Acesso em 02.01.2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018: Biologia – Guia de Livros Didáticos – Ensino Médio**. Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017. 92p. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/pnld-2018/> Acesso em 02.01 2018.

CANDAU, Vera Maria. **Construir Ecosistemas Educativos – Reinventar a Escola**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Reinventar a escola. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COHN, Clarice. **Culturas em Transformação: Os Índios e a Civilização**. São Paulo Perspec.[online]. 2001, vol.15, n.2, pp.36-42. ISSN 0102-8839. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200006> Acesso em 11.01.2018.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: **ROMÃO, Jeruse (Org.). História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FREIRE, Paulo. **A imagem do índio e o mito da escola**. In MARFAN, Marilda A. org. Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação- Formação de Professores: educação escolar indígena, Brasília: MEC, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 45 ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio – Ministério da Justiça. **Quais os critérios utilizados para a definição de indígena?** Brasília - DF, 2018. Disponível em

<http://www.funai.gov.br/index.php/todos-ouvidoria/23-perguntas-frequentes/97-pergunta-3>

Acesso em 10.01.2018.

IBGE, Agência IBGE Notícias. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos**. 2017. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html> Acesso em 29.12.17.

IBGE, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Diretoria de Pesquisas. **Os indígenas no censo demográfico 2010: Primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf Acesso em 08.01.2018

IPEA, 2017. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf Acesso em 11.01.2018.

LUCIANO, G. dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD em parceria com o Museu Nacional, Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento - LACED, 2006.

MAUAD, Ana Maria. **As imagens que educam e instruem – usos e funções das ilustrações nos livros didáticos de História**. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias; Natal: EDUFRRN, 2007.

MARTINS, Carlos Augusto de Miranda. **Racismo anunciado: O negro e publicidade no Brasil (1985 – 2005)**. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

MOTA, Clarice Novaes. **Ser indígena no Brasil Contemporâneo, novos rumos para um velho dilema.** Ciência e Cultura, vol.60 no.4. São Paulo, 2008. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000400011&script=sci_arttext Acesso em 10.01.2018.

MUNANGA, Kabengele. **Educação e Diversidade Cultural.** Caderno Penesb, n. 10, jan/jun, Rio de Janeiro, 2008/2010.

ONU, Organizações das Nações Unidas. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas.** UNIC, Rio. 2008. Disponível em http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf Acesso em 08.01.2018.

RIBEIRO, M. L. **História da Educação Brasileira: Organização Escolar.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ROMÃO, Jeruse. **O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro.** In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas de. **A representação da pessoa negra em imagens de comércios do nordeste goiano.** Revista Urutaguá (online), n. 31, nov. 2014/abr. 2015, p. 4154, 2015. Disponível em periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/download/24970/14404 Acesso em 08.01.2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadania em São Paulo ao final do século XIX.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático.** Salvador: CED – Centro Editorial Didático e CEAO – Centro de Estudos Afro – Orientais, 1995.

SILVA, Ana Célia Da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático.** Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, Fernanda Oliveira. **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense.** Comissão do Concurso de Livros Paradidáticos do Grupo de Trabalho Ensino de História e Educação da Associação Nacional de História , seção RS. Porto Alegre: EST Edições, 2017.